

Apresenta-se com o seguinte sumário esta nova revista cultural potiguar: “Da hospitalidade inglesa”, de Luís da Câmara Cascudo; “José Augusto, um estadista”, de Onofre Lopes; “Rodolfo Garcia”, de Paulo Pinheiro de Viveiros; “José Bonifácio, humanista”, de Nilo Pereira; “Origens da literatura de çordel”, de Veríssimo de Melo; “Lampião na Fazenda Veneza”, de Raul Fernandes; “Três poemas”, de Zilá Mamede; “Poemas rupestres”, de Sanderson Negreiros; “Um poeta potiguar, Jorge Fernandes”, de Protásio de Melo; “O sistema escolar nos Estados Unidos”, de Waldson Pinheiro; “Alguns aspectos da livre convicção”, de Edgar Barbosa; “Interpretação social da seca de 1970”, de José Rafael de Meneses, e “Acerca da música popular brasileira”, de Grácio Barbalho. Nas palavras de apresentação, figuram as seguintes palavras de Domingos Gomes de Lima, que merecem ser meditadas por todas as autoridades universitárias do país: “Procurássemos identificar o que existe de essencial, irredutível, permanente no conceito de Universidade e seríamos conduzidos a admitir, necessariamente, que este ponto definidor é a sua atividade intelectual, criativa por excelência e eminentemente humanística.” ONM

\*

\* \*

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (5)

### UM NOME QUE NÃO PODE DESAPARECER

Os jornais de Campinas freqüentemente publicam cartas de leitores reclamando contra a poluição sonora do chamado Centro de Convivência Cultural, resultante da instalação, ali, de diversos bares e restaurantes e dos motoqueiros que do belo logradouro fizeram também o seu “centro de convivência”. Não entramos no mérito das reclamações. Se elas são feitas, certamente assiste razão aos reclamantes. Conhecemos o problema de outros locais e circunstâncias e podemos imaginar que uma praça na qual já existem ( e outros estão em construção ) alguns dos mais requintados edifícios de apartamentos da cidade, poderá vir a ter sua imagem prejudicada, inclusive num lamentável processo de desvalorização, se o local vier a se tornar o que os sociólogos chamam de “zona

deteriorada”, que em nosso país não espera o prazo que os técnicos costumam marcar para que tal aconteça. Muitas já nascem deterioradas. Mas o que nos leva o tocar no assunto, é que numa das últimas cartas que lemos, o missivista, depois de várias considerações, faz votos ( e todos nós o acompanhamos ) para que ali se instale mais um centro de cultura ( que não especifica qual deva ser ) e especialmente para que a paz volte a reinar na “antiga Praça Imprensa Fluminense”.

Não, prezado missivista, não se trata de “antiga Praça Imprensa Fluminense”. A praça ainda tem esse nome e esperamos que ele seja conservado para sempre. Se há muita gente que não sabe, é simplesmente pelo descuido da Prefeitura no conveniente emplacamento das praças. As ruas foram devidamente lembradas após a grande campanha que encetamos pela imprensa e através da Sociedade dos Amigos da Cidade. Os clássicos retângulos azuis, identificadores dos nomes das vias públicas, e aos quais os campineiros já se haviam desabituaado, voltaram a assinalar nossa paisagem urbana, embora ainda não de maneira completa. Mas as praças foram esquecidas. Já se queixava o falecido jornalista Luso Ventura da anomalia que em nossa cidade ocorre: as praças não constituem endereço, pois não têm numeração própria. Ninguém, em Campinas, poderá dizer, por exemplo, que mora à Praça Carlos Gomes. Seu endereço será sempre o de uma das quatro ruas que a formam. Isto faz com que, dizia Luzo Ventura, dar o nome de alguém a uma praça de Campinas é torná-lo esquecido, pois seu nome nunca será citado para efeito de correspondência, nem para qualquer outra referência addressográfica ( perdoem-nos o americanismo, horroroso, mas não vejo como substituí-lo ). A solução, para atenuar o problema, seria o emplacamento das praças ao lado do das ruas que as formam. Assim, o público se habituaria aos seus nomes. E tanto isto é verdade, que, não faz muito, um conhecido jornalista de Campinas, que milita em nossa imprensa há não sei quantos anos, visitando Porto Alegre, surpreendeu-se de lá encontrar uma bela rua com o nome de Carlos Gomes, quando — escreveu ele, — em nossa cidade, berço do genial compositor, nenhuma via pública o recorda. Ora, a mais bela praça de Campinas traz o seu nome ! Simplesmente, pela ausência de placas, o distinto jornalista o ignorava...

Voltando ao caso da Praça Imprensa Fluminense. O aludido missivista externou, talvez sem o saber, problema que há muito nos vem preocupando. A instalação, no local, do Centro de Convivência Cultural está fazendo com que o logradouro seja conhecido por este nome, com o esquecimento total do verdadeiro topônimo. Já vimos anúncios de apartamentos “no Centro de Convivência Cultural”... Ora, se tal despropósito continuar a repetir-se, dentro

em breve o nome da praça desaparecerá por completo. Centro de Convivência Cultural é o conjunto das obras ali construídas ( teatro, sala de concertos, teatro de arena, salas de exposição, sede da Orquestra Sinfônica etc. ), mas não a praça em si. Portanto, anunciar alguém um imóvel ou loja numa das ruas que formam a praça ( General Osório, Conceição, Antônio Cesarino e São Pedro ) como sendo “no Centro de Convivência Cultural” é totalmente absurdo. O mais que se poderá aceitar, para facilidade de referência, é que se diga “em frente” ou “ao lado” do Centro de Convivência.

O nome **Imprensa Fluminense** dado à praça onde se localizava o velho “Jardim Público”, e que depois de muitos anos de aridez cimentífera voltou a ser um dos mais belos logradouros da cidade, não deve e nem pode desaparecer. Há algum tempo, a Senhora Lourdes Badaró ( Maria de Lourdes de Souza Campos Badaró ) publicou uma série de artigos sobre o velho “Jardim Público”, cujo nome oficial passou a ser, depois de 19 de agosto de 1 889, **Praça Imprensa Fluminense**. Um dos seus antigos limites, a Rua Augusto César, desapareceu com as obras da urbanização e teve a substituí-la a Rua São Pedro Por que a denominação **Imprensa Fluminense** ? Cedamos a palavra a Lourdes Badaró:

“Em 19 de agosto de 1 889 passou o nosso Jardim Público a chamar-se **Praça Imprensa Fluminense** em homenagem e sincero agradecimento de Campinas à imprensa fluminense pela sua inestimável e valiosa colaboração e pela solidariedade demonstrada durante o triste período que atravessou sua gente na epidemia da febre amarela. A homenagem foi proposta por Otto Langaard e aceita unanimemente pela Câmara Municipal. Seis anos após a inauguração do jardim, durante o primeiro período da febre amarela, quando a cidade ficou abalada e desprovida de recursos, a imprensa fluminense, representada pelos jornais **Gazeta de Notícias, O País e Jornal do Comércio**, abriu uma subscrição popular para angariar auxílio para os flagelados e conseguiram arrecadar vultosíssima soma que foi logo remetida para nossa cidade. Além dessa ajuda material, esses jornais divulgavam notícias e publicavam artigos elogiosos sobre a nossa terra, que, amargurada, atravessava a pior etapa de sua história”.

Enfim, sintetizando: a imprensa do Rio de Janeiro fez por Campinas o que a de São Paulo não fez. Daí a gratidão dos campineiros. Alguém, outro dia, nos perguntou: se a homenagem era à imprensa da cidade do Rio de Janeiro, por que a praça não denominada **Imprensa Carioca** em vez de **Imprensa Fluminense**, uma vez que este último gentílico só é usado para o que se refere ao Estado do Rio de Janeiro e não ao antigo Distrito Federal. Foi fácil responder com dois exemplos: por que se chamam **Contos Fluminenses** as belas

páginas de Machado de Assis, quando todos têm como ambientação a cidade do Rio de Janeiro? Por que se chama **Fluminense** o mais importante clube de futebol da cidade do Rio de Janeiro (com a devida licença dos flamenguistas...)? É que, na época, fim do século passado ou início do atual, o nome **carioca** não se havia generalizado como gentílico privativo da cidade do Rio de Janeiro, em contraposição a **fluminense**, riservado ao Estado do Rio. Quer se tratasse do Estado, quer da cidade, tudo era **fluminense**. O nome **carioca**, embora antiquíssimo, só se generalizou como gentílico em época mais recente. Portanto, quando, em 1889, se manifestou a gratidão dos campineiros aos jornais do Rio, o nome proposto para a praça não poderia ser outro senão **Imprensa Fluminense**.

É este o nome que, pela sua história e pelo seu significado, não pode e não deve desaparecer. Algumas placas que a Prefeitura ali colocasse, uma em cada canto do belo logradouro, recordaria “ad perpetuum rei memoriam” nome tão significativo de nosso passado.

\*

\*       \*

## TRANSCRIÇÃO

### A INTERPENETRAÇÃO CULTURAL ROMANO-GERMÂNICA

Clemente Segundo Pinho

Sendo o nosso objetivo citar apenas os fatos mais expressivos, de maneira quase esquemática, visto que uma série de fatores teriam de ser estudados e relatados num estudo focalizado sobre o assunto, o que não é o fito deste trabalho, temos, no entanto, de referir-nos à facilidade geral com que se deu a fusão de populações e culturas.

Na Espanha, por exemplo, os godos fizeram-no em tempo relativamente curto. **Leovigildo lutou contra a romanização** e desejava manter a proibição de casamento entre conquistadores góticos e populações românicas, contudo, finalmente levantou a interdição. Ele próprio adotou as vestes imperiais em estilo bizantino, romano-oriental. **Recaredo, em 586**, converteu-se ao catolicismo, enquanto seu filho se tornara mártir, herói da fé cristã. Essa fusão de